



UM BREVE ENSAIO SOBRE A METAFÍSICA E A ONTOLOGIA

A BRIEF ESSAY ON METAPHYSICS AND ONTOLOGY

Carlos Alberto Mourão Junior¹

Submetido em: 08/10/2021

e210887

Aprovado em: 18/11/2021

<https://doi.org/10.47820/recima21.v2i10.887>

RESUMO

O presente ensaio aborda a visão pessoal do autor acerca do lugar que a metafísica em geral, e a ontologia em particular, ocupam no saber e no pensar atual. São também discutidos alguns aspectos ontológicos do pensamento dos filósofos Edmund Husserl, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. O texto é escrito por um não especialista, visando estudantes iniciantes no tema.

PALAVRAS-CHAVE: Ontologia. Metafísica. Filosofia

ABSTRACT

This essay addresses the author's personal view of the place that metaphysics in general, and ontology in particular, occupy in current knowledge and thinking. Some ontological aspects of the thinking of philosophers Edmund Husserl, Martin Heidegger and Jean-Paul Sartre are also discussed. The text is written by a non-specialist, targeting students beginning in the subject.

KEYWORDS: *Ontology. Metaphysics. Philosophy*

INTRODUÇÃO

Neste breve ensaio para iniciantes, vou me permitir pisar em um campo para além de minado e abordar uma questão explosiva nos meios filosóficos. Uma questão que mexe com paixões e posturas muitas vezes fundamentalistas: o valor da metafísica. Para aumentar o prurido que o assunto pode eventualmente causar, falarei especificamente da dimensão mais abstrata da metafísica: a ontologia.

Antes, porém, talvez seja interessante definir o que é a metafísica e apresentar seus limites. Para tanto, é importante apontar as diferenças existentes entre três dimensões distintas do conhecimento: a ciência, a metafísica e o misticismo (onde incluímos a religião). A ciência aborda tudo aquilo que pode ser compreendido por meio da experimentação (empirismo), utilizando para tanto, nosso aparato sensorial (os cinco sentidos).

A metafísica trata de questões que, pela sua natureza abstrata, não podem ser passíveis de experimentação. Para tratar de tais questões, a ferramenta que a metafísica utiliza é a razão e os recursos da linguagem. O critério de verdade para a ciência é a verificação experimental; o critério de

¹ Professor Associado do Departamento de Fisiologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. - Doutor em Ciências, Pós-graduado e licenciado em Filosofia.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM BREVE ENSAIO SOBRE A METAFÍSICA E A ONTOLOGIA
Carlos Alberto Mourão Junior

verdade para a metafísica é a consistência lógica entre as premissas e a conclusão que a especulação racional produziu.

Por sua vez, o misticismo não tem nenhum compromisso ou relação com a experimentação ou com a razão. O misticismo se baseia unicamente em revelações, dogmas e mistérios sustentados exclusivamente pela crença (ato de fé). Um equívoco que precisa ser evitado com veemência é não misturar estas três dimensões (ciência, metafísica, misticismo) e nem tampouco tentar justificar uma delas utilizando as ferramentas e as condições de possibilidade das outras.

Uma questão que merece consideração é a seguinte: já que a metafísica é fundamentada pela razão e pela reflexão (*logos*), será que metafísica e filosofia são a mesma coisa? Não. Na realidade a metafísica pode ser considerada como um subconjunto da filosofia, pois a metafísica trata de questões abstratas (não palpáveis), enquanto a filosofia abarca também questões racionais concretas, ligadas à realidade humana palpável, tais como a ética, a política, a estética e a lógica. Mas, e a ontologia? O que é a ontologia afinal?

A ontologia tem por objetivo estudar o estatuto do Ser, procurando esquadriñar sua essência e a existência em si. A ontologia é um ramo da metafísica. Alguns identificam a ontologia como uma metafísica geral, enquanto outros chegam até a considerar metafísica e ontologia como sinônimos.

A questão do Ser vem incomodando os filósofos desde a gênese da filosofia ocidental. Como exemplo desta afirmativa podemos citar o pensamento de alguns pré-socráticos naturalistas como Empédocles e Anaxágoras, a famosa interdição eleata e o conhecido confronto de ideias entre Heráclito e Parmênides.

Para abordar a questão da ontologia na filosofia contemporânea, vou discutir muito brevemente os dois lados da moeda que envolvem o Ser: a *essência*, abordada pela óptica da fenomenologia de Edmund Husserl (1859 – 1938), e a *existência*, analisada por meio da visão existencialista de Martin Heidegger (1889 – 1976) e Jean-Paul Sartre (1905 – 1980). Escolhi estes três filósofos pelo fato de os mesmos serem considerados baluartes da ontologia fundamental no século XX. Entretanto, antes de me aventurar nesse ensaio, quero deixar bem claro que as ideias desses três pensadores são assunto para especialistas ou até ultraespecialistas. Esse não é o meu caso; não sou especialista e não tenho autoridade intelectual para falar sobre eles em profundidade. Por isso, colocarei aqui apenas o que tenho para oferecer: minha visão e minha reflexão sobre a ideia geral (voo panorâmico) acerca dos grandes temas que eles abordam. Minha intenção é que meu texto seja de alguma utilidade para filósofos iniciantes, e também para filósofos generalistas (como eu).

Para a fenomenologia a essência precede a existência. Para o existencialismo a existência precede a essência, ou então há apenas uma existência em movimento, a qual nega qualquer possibilidade de uma essência (tal como ocorre no heideggerianismo). Após um voo panorâmico sobre o pensamento desses três filósofos, irei, na discussão deste artigo, colocar meu ponto de vista pessoal acerca do lugar contingente da ontologia na contemporaneidade.



FENOMENOLOGIA EM HUSSERL

Um conceito cardinal na fenomenologia de Husserl é o conceito de intencionalidade da consciência – a consciência é sempre dirigida a algo (objeto), portanto ela, em si, não pode ser um objeto. Logo a consciência não é (algo), e sim *está* (em algo), ou seja, a consciência é um processo que permite a apercepção dos fenômenos.

Segundo a fenomenologia, sujeito e objeto do conhecimento são faces da mesma moeda, pois a consciência é sempre consciência de alguma coisa (intencionalidade da consciência) e, paralelamente, o objeto só tem sentido quando significado pela consciência que o percebe. O dito método fenomenológico se fundamenta, grosso modo, em duas modalidades de redução. A primeira é a redução fenomenológica, que diz que o examinador deve suspender seu juízo, desarmar seu espírito de qualquer preconceito e colocar suas crenças e juízos "entre parênteses" a fim de simplesmente receber aquilo que é dado à sua consciência. A segunda é redução eidética, que busca encontrar a essência dos perceptos. Isso é feito por meio da busca de propriedades que irão sinalizar a característica invariante daquilo que é percebido, ou seja, o que realmente faz com que A seja A e não B ou C.

Em suma, o método consiste na *epoché* (suspensão do juízo) e na redução eidética, a qual se baseia em analisar o fenômeno variando seus atributos até se chegar à sua característica invariante, que corresponde à essência procurada.

Com efeito, como os fenomenologistas partem do pressuposto da existência de um realismo ontológico e gnosiológico – ou seja, eles acreditam que tudo tem uma essência e que tal essência pode ser conhecida –, esses filósofos propõem o método fenomenológico (que acabamos de descrever acima) que, segundo eles, serviria de condição de possibilidade para o conhecimento da essência de tudo o que existe.

Alguns conceitos propostos por Husserl tais como a consciência enquanto um processo (resíduo fenomenológico que resiste à *epoché*) e a descrição das funções perceptuais estão sendo na atualidade corroborados pela neurociência.

Outro ponto extremamente interessante na teoria de Husserl é a compreensão do sujeito como um trinômio corpo-mente-espírito. O fato de reconhecer que há uma essência no ser humano, e que este é dotado de espírito, implica em reconhecer também a existência da alteridade e a importância do outro, fazendo com que o olhar fenomenológico do ser tenha em seu bojo um estatuto ético.

EXISTENCIALISMO EM HEIDEGGER

Apesar de ter sido discípulo de Husserl e de ter dedicado a ele sua principal e inacabada obra (*Ser e Tempo*), Heidegger trilhou caminhos filosóficos bem distintos de seu mestre. O existencialismo de Heidegger fica bem evidente em seu conceito ontológico do *Dasein* enquanto *ser-no-mundo* e *ser-no-tempo*. Heidegger, na esteira da filosofia de Heráclito, diz que nada é, na verdade tudo está, pois o Ser em Heidegger (*Dasein*) não tem essência, já que ele muda continuamente ao



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM BREVE ENSAIO SOBRE A METAFÍSICA E A ONTOLOGIA
Carlos Alberto Mourão Junior

longo do tempo – a única coisa fixa e invariante no ser é a mudança, logo não há essência, pois, a essência para ele é a mudança, e a mudança, ontologicamente falando é movimento, representando, portanto, a mudança, isto é, o *não-ser*.

Heidegger menciona em sua obra os conceitos de autenticidade, angústia e de cuidado. Para este filósofo autenticidade corresponde a uma atitude de reconhecimento da angústia, sendo que a angústia surge da consciência da morte, ou seja, do *Dasein* enquanto *ser-para-a-morte*. Para Heidegger, a angústia é a categoria que desvela ao *Dasein* a possibilidade da existência autêntica, e o cuidado significa estar à frente de si mesmo, envolvido com entes no mundo – é o cuidado que abre ao homem o universo da presença.

Um ponto interessante da filosofia de Heidegger é o fato de ressaltar (assim como Heráclito já o fizera) que tudo muda, evidenciando dessa forma o conceito de irreversibilidade dos processos naturais, hoje suficientemente corroborado pela física contemporânea e pelo conceito de flecha do tempo, cunhado por Ilya Prigogine (1917–2003), o pai da termodinâmica longe do equilíbrio.

É importante assinalar que o fato de Heidegger não admitir que existe uma essência (sentido) no sujeito, permite que o *Dasein*, jogado no mundo como ele está, não veja no outro um sujeito, e sim um algo-em-movimento. Essa ausência de empatia pode ter desdobramentos éticos muito sérios, pois onde não existe o respeito ao estatuto da alteridade, qualquer atrocidade pode ser justificada, em nome de uma “autenticidade” do ser. Talvez esta faceta do existencialismo de Heidegger justifique sua tão comentada ligação com o partido nazista.

EXISTENCIALISMO EM SARTRE

A história de vida de Sartre é bem diferente da de Heidegger. Sartre vivenciou as duas grandes guerras, tendo inclusive ficado preso por um ano em um campo de concentração. Sempre foi um grande ativista político, tendo sido muito influenciado pela dialética de Marx, e, quando estudou na Alemanha sua filosofia foi profundamente influenciada pela onda dos 3H (Hegel, Husserl, Heidegger). Além de filósofo, Sartre foi um artista – publicou dezenas de romances, dirigiu várias peças teatrais e escreveu roteiros para cinema. Ele foi um filósofo/literato.

O projeto filosófico de Sartre tem como núcleo duro o primado da existência, e, como corolário, a condenação do homem à sua inevitável liberdade. Segundo Sartre, o homem precisa se engajar em todas as suas escolhas, sabendo que, tudo o que decidir afetar a humanidade como um todo (neste aspecto Sartre se mostra afinado com a ideia de imperativo categórico presente na moral em Kant).

Do ponto de vista ontológico, Sartre diferencia o *ser-em-si* do *ser-para-si*. O *ser-em-si* é qualquer objeto que existe no mundo e que apresenta uma existência definida e um objetivo definido (um relógio, por exemplo). O *ser-em-si* não tem consciência de sua existência e se apresenta à consciência humana como fenômeno. Já o *ser-para-si* é a consciência humana. É o *Para-si* que faz as relações temporais e funcionais entre os seres *Em-si*, e ao fazê-lo, constrói um sentido para o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM BREVE ENSAIO SOBRE A METAFÍSICA E A ONTOLOGIA
Carlos Alberto Mourão Junior

mundo em que vive. O *Para-si* não tem uma essência definida – ele não é resultado de uma ideia pré-existente.

Dentro do *Para-si* sempre existe um *nada*, que será preenchido com as escolhas feitas pelo sujeito, no exercício de sua liberdade imanente. A existência do *nada no Ser* implica na não existência de qualquer essência humana. A consciência é permanentemente desligada da ordem dada das coisas – ela é possibilidade pura e vazia, e nisso se estabelece sua liberdade.

Em virtude da compreensão de que o futuro é sempre radicalmente duvidoso, surge a *angústia*. A fim de escapar à angústia, o sujeito pode adotar estratégias de *má-fé*, ou seja, nega a liberdade que inevitavelmente lhe pertence e deposita no outro a responsabilidade de suas próprias escolhas.

Sartre coloca sobre o homem o peso total de suas escolhas, a elaboração de suas angústias e a responsabilidade sobre toda a humanidade. Como foi dito, o homem que delega a outro a direção ou a responsabilidade sobre seu próprio destino, estará praticando ato de má-fé. Neste aspecto, a filosofia de Sartre pode ser classificada como humanista, sendo, portanto, profundamente ética.

Apesar de Sartre ter sido um ateu convicto, ele reconhece que o ateísmo não é condição necessária para alguém ser existencialista, pois, segundo ele, a existência ou não de Deus não é o que está em jogo, pois, ainda que Deus exista, nada muda – o homem continua sendo o eterno refém de sua liberdade e o eterno responsável pelas suas escolhas. Cabe ao homem, e somente a este, melhorar sua vida e o mundo onde vive.

Curiosamente, apesar de Sartre ter dedicado enorme parte de sua obra à metafísica, ele albergava sérios questionamentos acerca da validade interna da filosofia. Vejamos uma citação, no mínimo surpreendente, do próprio Jean-Paul Sartre – que escreveu um dos tratados ontológicos de maior fôlego (*O Ser e o Nada*) –, presente no livro *Questão de Método* (1967):

"A Filosofia aparece a alguns como um meio homogêneo: os pensamentos nascem nele, morrem nele, os sistemas nele se edificam para nele desmoronar. Outros consideram-na como certa atitude cuja adoção estaria sempre ao alcance de nossa liberdade. Outros ainda, como um setor determinado da cultura. A nosso ver, a Filosofia não existe; sob qualquer forma que a consideremos, essa sombra da ciência, essa eminência parda da humanidade não passa de uma abstração hipostasiada."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, no século XXI, há vários filósofos (principalmente os adeptos da filosofia analítica) que condenam totalmente a metafísica, argumentando que ela nada significa, que ela é incapaz de responder a qualquer questão, que ela é destituída de aplicabilidade prática, não tendo contribuído em nada para a humanidade. Os filósofos que negam terminantemente a metafísica e desprezam os sistemas da filosofia continental argumentam ainda que, discussões e abstrações fadadas a nunca terminar, jamais deveriam sequer ter começado (como afirmou o pragmatista William James). De fato, muitas discussões metafísicas nunca terminam em virtude das antilogias,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM BREVE ENSAIO SOBRE A METAFÍSICA E A ONTOLOGIA
Carlos Alberto Mourão Junior

das limitações inerentes à própria linguagem humana e dos argumentos ad hoc que são tão comuns quando se discute algo que não pode ser empiricamente verificado.

Uma questão importante é a seguinte: é sabido que a metafísica em geral, e a ontologia em particular, dizem respeito a tudo o que transcende o mundo físico que experimentamos. Mas, como sabemos que existe alguma coisa além do mundo físico que experimentamos? Não sabemos! Eis a razão pela qual a maioria dos filósofos modernos rejeita a metafísica, tomando-a como um erro essencial.

Até mesmo Kant, tentando responder à negação explícita que o empirismo de David Hume fez à metafísica, acabou criando um sistema que tornou a metafísica algo ainda menos viável. Segundo o próprio Kant: a metafísica não tem qualquer relação com a experiência (já que está “além da física”). Isso significa que não podemos aplicar “categorias” como qualidade e quantidade à metafísica porque elas são estruturas de nosso conhecimento oriundo da experiência. Assim, a metafísica se exclui do campo dos juízos sintéticos a priori. Dessa forma, se tomamos um conceito metafísico, como Deus por exemplo, não podemos fazer qualquer afirmação verificável sobre ele, pois quaisquer categorias que pudéssemos lhe aplicar só seriam relevantes para a experiência. Falar da existência (ou não existência) de Deus seria igualmente aplicar de maneira errônea as categorias. Foi assim que Kant renunciou à metafísica.

Além do mais, todas as discussões ontológicas e naturalistas já foram há muitos séculos esgotadas pelos pré-socráticos (principalmente por Heráclito, Parmênides, Empédocles e Anaxágoras). Foi justamente pela impossibilidade em responder às perguntas relacionadas à *physis* é que a metafísica pré-socrática foi definitivamente sepultada, com todas as pompas fúnebres de direito, pelos filósofos da sofística. Os sofistas, encabeçados pela antilogia e pelo relativismo em Protágoras de Abdera e pelo niilismo em Górgias de Leontini, fizeram a transição do eixo especulativo da filosofia da natureza para o homem, afirmando o relativismo gnosiológico. Aí sim a filosofia atingiu seu apogeu, discutindo ética, lógica, política etc. e deixando a metafísica ao sabor dos deuses. Nietzsche também concorda que a sofística foi o apogeu da filosofia, e que pouco tempo depois a filosofia foi enterrada.

De fato, é inevitável reconhecer que tudo o que Husserl, Heidegger e Sartre disseram a respeito do “ser”, já havia sido dito, muitas vezes com as mesmas palavras, pelos pré-socráticos naturalistas. De Descartes em diante, parece que os filósofos passaram a adotar o conhecido dito popular: “na natureza nada se cria, tudo se copia.”

Entretanto, apesar de todos estes argumentos, ainda há filósofos que, em pleno século XXI, admitem a metafísica por dizerem que a mesma pode servir de celeiro para futuras descobertas científicas. Além disso argumentam que a metafísica é um saudável exercício intelectual, uma verdadeira “ginástica mental” para aguçar a razão.

Eu, pessoalmente, reconheço que existe uma consistência interna nos argumentos de ambas as correntes – a dos que amam e a dos que odeiam a metafísica. Para mim, porém, esta questão



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM BREVE ENSAIO SOBRE A METAFÍSICA E A ONTOLOGIA
Carlos Alberto Mourão Junior

deve merecer uma análise axiológica, passando pela peneira dos três juízos: o juízo lógico (verdadeiro/falso), o juízo ético (bom/ruim) e o juízo estético (belo/feio).

Olhando para a metafísica com a lente do juízo lógico, eu reconheço que os metafísicos jazem em uma verdadeira zona de conforto, pois suas hipóteses jamais podem ser refutadas, uma vez que o poderoso critério da falseabilidade de Popper não se aplica à metafísica. Portanto, considerando o juízo lógico, a metafísica é um campo onde todos são donos da verdade.

Como nada pode ser falseado, os metafísicos podem, dentro deste ponto de vista, ser acusados de comodistas e eventuais praticantes de uma "covardia" (no sentido figurado e não pejorativo) epistemológica, uma vez que jamais se expõem à refutação. Assim sendo, a metafísica não passa pela peneira do juízo lógico. No entanto é possível que um sistema, mesmo não podendo ser verificado como verdadeiro, possa ser bom e/ou belo e conseqüentemente mereça ser valorizado do ponto de vista ético ou estético.

Analisando a situação pela lente do juízo ético, fica claro que alguns sistemas ontológicos se preocupam com a figura do outro, enquanto outros sistemas parecem não se preocupar tanto com esta questão, permitindo até que alguns interpretem seus princípios como o prenúncio de um valeduto no campo da ética (como o existencialismo de Heidegger, algumas ideias de Deleuze, a transvaloração de valores em Nietzsche, e, de certa forma, o *conatus* de Espinosa, dentre outros).

Como sistemas metafísicos eticamente válidos podemos citar a fenomenologia de Husserl, que ao admitir uma essência comum a todos os homens, institui o estatuto da relação e da alteridade. Outro exemplo de sistema ético é o existencialismo de Sartre, que, ao definir a consciência e o sujeito como liberdade ontológica, coloca sobre os ombros de cada ser a responsabilidade por suas escolhas, pois, para Sartre o sujeito é sua liberdade, e é livre para tudo, exceto para renunciar a esta liberdade. Outro exemplo de sistema ético seria a filosofia de Kant com seu imperativo categórico. Esses sistemas, a meu ver, passam pela peneira do juízo ético.

Finalmente podemos examinar a metafísica pelo prisma do juízo estético. Qualquer sistema que seja belo, impressionando ao espírito a priori, sem necessariamente passar pelas vias da razão, pode elevar o ser e, talvez por este motivo, possa ser valorizado. Alguns sistemas metafísicos são belos em virtude de sua coerência e principalmente de seu apelo à espiritualidade. Como exemplo temos a visão de Husserl de que somos corpo, mente e espírito. Outro sistema que também apresenta uma beleza estrutural é o idealismo de Hegel em sua fenomenologia do espírito.

Na verdade, toda esta discussão sobre o valor da metafísica perpassa a seguinte questão: é válido pensar unicamente por pensar, exercitando o que temos de mais humano e sublime que é a nossa razão? Ou o pensar precisa necessariamente ter um caráter teleológico, ou seja, só se justifica pensar, se este pensar for romper inércia e produzir alguma ação? Em outras palavras, será que a verdade só pode ser medida pelas ações que ela produz? Afinal de contas a palavra deve ser palavra-reflexão (*logos* dos gregos) ou palavra-ação (*dabar* dos judeus)?

Em minha opinião pessoal, entendo que o pensar-por-pensar e o pensar-para-agir não são, necessariamente, mutuamente excludentes. Talvez a metafísica e o pragmatismo não sejam assim



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

UM BREVE ENSAIO SOBRE A METAFÍSICA E A ONTOLOGIA
Carlos Alberto Mourão Junior

tão irreconciliáveis como pode parecer a uma primeira vista. Talvez Aristóteles tivesse razão ao dizer que a virtude estava no caminho do meio. Talvez seja de a ordem do possível agradar a "gregos e troianos". Talvez a filosofia analítica e a filosofia continental, bem como o racionalismo e o empirismo, que tanto se digladiam, possam se reconciliar; afinal, pensar é preciso, pensar nos torna humanos e nos transforma e, em última análise, todos os sistemas buscam uma melhor compreensão deste projeto ainda tão desconhecido, que é o fenômeno humano e sua interação com a natureza.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALLES BELLO, A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006.
- AUDI, R. **Dicionário de filosofia de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006.
- CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COLLINS, J. **Heidegger e os nazistas**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.
- COLLINSON, D. **50 grandes filósofos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FERRY, L. **Kant: uma leitura das três "Críticas"**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- GARVEY, J.; STANGROOM, J. **Os grandes filósofos**. São Paulo: Madras, 2009.
- GUTHRIE, W. K. C. **Os sofistas**. São Paulo: Paulus, 1995.
- HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- MOURÃO JÚNIOR, C. A.; ABRAMOV, D. M. **Curso de biofísica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- NUNES, B. **Heidegger & Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- POPPER, K. **Conjecturas e refutações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. São Paulo: Paulus, 2003.
- RORTY, R. **Philosophy and the mirror of nature**. Princeton: Princeton Press, 1979.
- RUSSELL, B. **História do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- SARTRE, J. P. **Questão de método**. Lisboa: Difel, 1967.
- _____. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- STÖRIG, H. J. **História geral da filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- STRATHERN, P. **Kant em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

UM BREVE ENSAIO SOBRE A METAFÍSICA E A ONTOLOGIA
Carlos Alberto Mourão Junior

TEICHMAN, J.; EVANS, K. C. **Filosofia**: um guia para iniciantes. São Paulo: Madras, 2009.